

Cirurgia – Humanismo, Humanização e Humanitarismo.

Do livro “Filosofia da Cirurgia”
de Henrique Walter Pinotti

No período imediato da II Guerra Mundial, o cenário era marcado, principalmente, pelo temor do paciente à cirurgia devido aos imprevistos da anestesia. Quando empregada a aqui anestesia, se a operação se prolongasse, além do efeito do anestésico, o paciente passava a ter dor e a suportá-la aos gritos até o seu final. A anestesia geral era temida pelo medo de dormir e não acordar, ou de ser superficial e ter de acompanhar o que se passava na sala de operações enquanto suportava a dor. A indução era pelo tionebutal e curare, seguidos de administração de clorofórmio ou éter. Havia poucos analgésicos, a dor pós-operatória e a precariedade das suturas da parede abdominal mantinham os pacientes acamados por período prolongado. Havia muita preocupação pelas deformidades das cicatrizes provocadas pelas incisões.

Nessa fase entra em evidência René Leriche, professor de Cirurgia em Strassburgo, França, que publica seu trabalho de grande porte *La chirurgie discipline de la connaissance* (1949). Eminentemente cirurgião vascular, foi introdutor da simpatectomia para tratamento da síndrome de insuficiência circulatória arterial, funcional ou obstrutiva por arteriosclerose, na época em que não havia recursos de suturas e próteses arteriais.

Esses pacientes sofriam de dores atrozes nos membros inferiores e, quando com gangrena, eram tratados com amputações e permaneciam mutilados com suas conseqüências sociais. Durante a II Guerra Mundial, Leriche adquiriu grande experiência com feridos, devido à posição geográfica estratégica de Strassburgo junto a Luxemburgo, Bélgica e Alemanha. Recebeu grande lastro de conhecimentos para emitir a sua visão do paciente sofredor e o que fazer por ele, além dos cuidados técnicos.

“A cirurgia não é atividade que se aprende somente através do exercício como nos ofícios braçais ou de artesões”, assim se expressava Leriche, porque requer estudo profundo da anatomia descritiva, topográfica e cirúrgica com suas anomalias, da fisiologia,

fisiopatologia, manifestações clínicas, todo o espectro da tecnologia diagnóstica e dos procedimentos cirúrgicos, dos cuidados pré e pós-operatórios, do componente psicológico e social do paciente.

Aduzia Leriche que “o cirurgião deve ser provido de humanismo e, como tal, ele deve ser servidor compreensivo ao mesmo tempo em que é respeitado pelo doente.

O conceito de humanismo, com o tempo, passou a envolver o homem completo, o homem individual nas obras do seu espírito, no movimento da sua inteligência e do seu coração, nas suas inquietudes, nas suas paixões, nas suas expectativas de vida feliz ou nas suas desesperanças”.

O humanismo, afirmava Leriche, “é uma atitude de emoção que devemos exercer na prática da cirurgia e que se sente despertar no contato com o sofrimento e na angústia do ser humano, é a oportunidade que permite ao cirurgião estar próximo do paciente atormentado, martirizado, desde que a doença se fez aflorar. É este sofrimento do paciente que pode sensibilizar o cirurgião a se manter em linha estrita, dentro da ética, que consiste em estabelecer para ele os limites dos direitos e a extensão dos deveres”.

O renomado cardiologista mexicano Prof. Ignacio Chávez pronunciou-se magistralmente sobre o exercício do humanismo na prática médica: “Os médicos são a mais ampla ponte entre a ciência e o humanismo. A arte de curar se projeta inexoravelmente nas únicas formas concretas da existência humana que são saúde e vida, enfermidade e morte. Medicina é antes de tudo arte, sob cujo conceito precedeu e sempre precederá a ciência e tem humanismo quando aspira a ser algo mais do que tratar enfermidades, dando ao homem completo sentido à sua dignidade e liberdade”.

O Exercício do Humanismo

*“À vida do médico não se propõem
recompensas, mas deveres.”*

Luiz Venere Décourt

O grande progresso técnico e científico da medicina em todas as suas especialidades, incluindo a cirurgia, trouxe muitas vantagens sobre a precisão diagnóstica e eficiência de resultados terapêuticos. Afastou, porém, o médico do paciente, criando um hiato ocupado pelo maquinismo. Arnaldo Amado Ferreira Filho, destacado médico de espírito humanista, assinala que “a evolução da Medicina em meio século tem sido tão fecunda quanto revolucionária, ameaçando torná-la cada vez mais impessoal e desumanizada, na proporção em que vai sendo dominada pela ciência estatística, pela informática e pela cibernética – é quase uma Medicina sem médicos. O cientificismo e o tecnicismo, por sua vez, podem tornar os indivíduos presunçosos e arrogantes, fazendo-os supor que sabem tudo e que podem tudo, levando-os a menosprezar os valores espirituais que fortalecem a empatia e a aproximação entre as pessoas”.

Na atual sociedade de consumo, possuir bens é sinal de sucesso, criou-se a apologia do sucesso, do sucesso material, porque é mais fácil demonstrar o ganho nas aparências. O cirurgião, perante a sua comunidade, freqüentemente, procura apresentar resultado do seu progresso profissional, perdendo a sensibilidade humana.

Ao ver o paciente, imediatamente, percebe o que pode receber ao invés de oferecer.

A mistificação do sucesso é irracional, faz parte da irreflexão do homem comum. A apologia do sucesso, melhor pensada, tem que ser considerada como apologia da conquista, da conquista de novos conhecimentos, da conquista de novas fronteiras para melhorar a prática profissional e beneficiar o paciente.

Por isso, deve o cirurgião entender que o paciente que o procura para realizar o tratamento cirúrgico, transporta uma carga de emoções proporcionais à natureza do diagnóstico e fantasias sobre a dimensão da intervenção e expectativas sobre sua vida futura.

O enfermo espera, então, encontrar um cirurgião ético, competente e sobretudo humano, isto é, capaz de se colocar no nível e no lugar dele, que compreenda a sua aflição e

que demonstre sinais de compartilhar com sua situação sendo solidário, disponível para servi-lo de modo despojado, sem interesses outros como aproveitar-se da sua condição econômica e da sua influência social.

O cirurgião com espírito humanista traz no seu perfil psicológico constitucional os traços referidos no seu caráter; outros aprendem na sua vida acadêmica e se aperfeiçoam no exercício da profissão.

A condição fundamental do espírito humanista é a de se aproximar do paciente, sem discriminação da situação social ou econômica, pagante ou não-pagante, nobre ou pobre.

Pelo contrário, ao afastar-se do paciente, afirmava o mestre Luiz Décourt, "o médico deforma e descaracteriza sua própria pessoa, facilita a mercantilização do ato clínico e torna possível sua submissão a interesses inaceitáveis, embora atraentes.

Em suma: o médico desrespeita o paciente e foge de suas responsabilidades".

A primeira demonstração de proximidade é ter "cadeiras para se sentar", ouvir serenamente seu relato clínico, percebendo suas angústias, examiná-lo e integrar o quadro clínico com as provas diagnósticas complementares e conhecimento das suas manifestações psicológicas e das repercussões sociais da sua enfermidade.

Ao final, cabe ao cirurgião a proposta do tratamento, sempre falando a verdade, sem impor ilusões. Neste julgamento, é importante realçar que o paciente está enfraquecido moralmente, foi pego, inesperadamente, pela doença, seus horizontes se fecharam e vai entregar a sua vida ao cirurgião que, em poucas horas de intervenção, pode mudar o seu rumo de vida e o da sua família.

Neste momento, como ser humano, tem que ver o paciente como ser humano, valorizando a sua vida, colocando-se no seu lugar. Tem que ver o paciente igual a si, o melhor para ele, paciente, seria também o melhor para o cirurgião se estivesse no seu lugar. Deve demonstrar emoção recíproca, quando a emoção do paciente toca os seus bons sentimentos, orientando-o e ajudando-o emocionalmente para minimizar ou neutralizar as suas angústias e fazê-lo enxergar bons horizontes.

O cirurgião no seu humanismo deve demonstrar o que “pode dar e não tirar” do paciente, com sinceridade, sem intenções veladas. A verdadeira prática cirúrgica com amor é promover o bem do outro. O exercício do humanismo é premissa do cumprimento moral e ético.

A humanização no atendimento médico, admitida no sentido mais puro do termo, refere-se ao trabalho profissional conjunto da equipe de saúde e circunstantes, na lida diária com o enfermo, vendo-o como seu semelhante e reconhecendo que está, enquanto doente, totalmente fragilizado e em situação de desconforto psicológico.